

Concordâncias e controvérsias dos modelos teóricos sobre o processo de aquisição da linguagem

Simone Rocha de Vasconcellos Hage*

HAGE, Simone R. V. Concordâncias e controvérsias dos modelos teóricos sobre o processo de aquisição da linguagem. *Mimesis*, Bauru, v. 18, n. 1, p. 81-88, 1997.

RESUMO

O presente artigo discute os diferentes modelos teóricos a respeito do processo de aquisição da linguagem, apontando suas contribuições para a compreensão daquele processo, assim como levantando algumas questões ainda não satisfatoriamente respondidas sobre o aparecimento da linguagem na criança.

Unitermos: Linguagem, Psicolinguística.

INTRODUÇÃO

Tal como a mente humana, a aquisição da linguagem ainda não dispõe de uma teoria que a explique satisfatoriamente, desde as suas bases neurofisiológicas até os diferentes comportamentos comunicativos, verbais e não verbais, manifestados pelas crianças nos primeiros anos de vida.

No mundo inteiro, os bebês, a partir da metade do primeiro ano de vida, são capazes de estabelecer trocas comunicativas que revelam intenções e sentido em suas ações. No segundo ano, esses mesmos bebês passam a fazer uso de seqüências sonoras estáveis e reconhecíveis como "palavras". Ainda no segundo ano de vida ou a partir do terceiro, essas crianças são capazes de organizar palavras numa ordem que revela uma sintaxe, mesmo que primitiva. A partir daí, elas aumentam seu léxico, organizam e re-organizam-no em categorias, apresentam construções sintáticas mais elaboradas e complexas, melhoram seu padrão fonarticulatório e usam a linguagem falada para narrar, descrever objetos, even-

*Departamento de Educação. Curso de Fonoaudiologia/Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade do Sagrado Coração - Rua Irmã Arminda, 10-50 - 17044-160 - Bauru - SP.

tos e representar seus sentimentos e idéias. Assim, a aquisição da linguagem dá ao ser humano um dos seus traços de *humano*.

Mas, afinal, do que depende o processo de aquisição de linguagem? Quais são suas bases intrínsecas? O explicitamento desse processo é de grande valia não só para o entendimento do mesmo enquanto tal, mas, principalmente, para fortalecer os substratos teóricos dos processos de reabilitação em linguagem. Assim, neste texto, pretende-se apresentar de forma breve os modelos teóricos mais relevantes a respeito do processo de aquisição de linguagem, discutindo suas contribuições e tecendo-lhes algumas críticas.

OS MODELOS COMPORTAMENTALISTA E INATISTA

Um desses modelos é o *comportamentalista*. Tal modelo se inscreve na linha do behaviorismo americano, corrente de pesquisa introduzida por Watson em 1913. Parte-se do princípio de que o comportamento humano é a soma das respostas do indivíduo aos acontecimentos (estímulos) que se desenrolam em seus arredores. As respostas podem ser motoras, emocionais ou verbais. Elas influenciam, por sua vez, o meio ambiente, o que induz a um reforço ou a uma inibição das respostas.

O modelo comportamentalista rejeita qualquer tipo de explicação a respeito do comportamento observável do ser humano que não possa ser comprovada empiricamente. Assim, ele desconsidera qualquer tipo de dotação inata, a não ser a capacidade de associar um estímulo recebido a uma resposta dada, mediante um determinado reforço.

No que se refere, especificamente, à aquisição da linguagem, Skinner (1957) foi o autor que mais se empenhou em explicar o aparecimento do "comportamento verbal". De acordo com ele, a aprendizagem verbal como qualquer outro tipo de aprendizagem pode ser programada e ensinada. Vejam-se alguns exemplos:

- Os bebês aprendem a prestar atenção às vozes das pessoas que cuidam deles, pelo fato de essas vozes estarem vinculadas a situações de prazer (alimentação, aconchego, banho). Tais situações são eventos do meio reforçadores para que os bebês aprendam a prestar atenção às vozes das pessoas.

- As emissões aleatórias (balbúcio) dos bebês de 9 meses como "mama" ou "papa", são reforçadas pelas atitudes dos pais (aconchego, repetição) e passam a se tornar efetivamente palavras, em função daqueles reforços recebidos.

Esta abordagem também afirma que a aprendizagem verbal é regida pelos princípios do condicionamento: palavras e combinações de palavras ditas corretamente são recompensadas pela aprovação do meio ambiente (palmas, repetição, aconchego), já as emissões incorretas são rejeitadas e corrigidas, assim, as crianças as substituem pelo modelo correto.

HAGE, Simone R. V. Concordâncias e controvérsias dos modelos teóricos sobre o processo de aquisição da linguagem. *Mimesis*, Bauru, v. 18, n. 1, p. 81-88, 1997.

HAGE, Simone R. V. Concordâncias e controvérsias dos modelos teóricos sobre o processo de aquisição da linguagem. *Mimesis*, Bauru, v. 18, n. 1, p. 81-88, 1997.

O papel das pessoas que cuidam das crianças nesta abordagem é fortemente valorizado, a tal ponto de elas terem o poder de modelar o comportamento verbal da criança através do reforço e da apresentação do modelo correto.

Um dos pontos mais críticos do modelo comportamentalista é a radicalidade de seus defensores em apontarem as condições oferecidas pelo meio ambiente como fator determinante para aquele processo, ou seja, dar exclusivamente a essas condições a supremacia de constituir a linguagem. O próprio "comportamento observável" do ser humano (usando os mesmos dogmas da teoria) traz uma série de evidências contra a explicação proposta.

Em primeiro lugar, as crianças em processo de aquisição de linguagem, falam certos enunciados como "sapato mãe põe" ou "xixi fez aqui chão", que não poderiam ser explicados pela teoria da aprendizagem, na medida em que a criança não os ouve no seu meio lingüístico. Além disso, as crianças produzem por um bom tempo enunciados gramatical e articulatoriamente incorretos, mesmo diante de sistemáticas correções sobre sua fala, evidenciando que não é só da correção ou do modelo que depende o progresso na aquisição da linguagem. Ao contrário, as crianças também avançam no seu desenvolvimento lingüístico, mesmo sem correções diretas e sistemáticas sobre sua fala. Sobre isso, a pesquisa de Brown & Hanlon (1970) mostrou que as mães raramente corrigem os desvios gramaticais e articulatórios de seus filhos, estando muito mais interessadas na criatividade e originalidade de suas "falas".

O reforço sobre a fala da criança, defendido por Skinner, apesar de teoricamente plausível, na prática não explica a ela as regras lingüísticas subjacentes que regeram o acerto ou o erro no enunciado falado. O problema maior do modelo comportamentalista é a redução da linguagem a um comportamento objetivável. Ela é um sistema de representação altamente refinado que não poderia ser adquirido por simples imitação.

Um outro modelo teórico que tem por objetivo explicar o processo de aquisição de linguagem é o *inatista*, inspirado na concepção de linguagem de Chomsky. Pode-se afirmar, sem modéstia, que seus trabalhos dentro da Lingüística, ou melhor, da Psicolingüística são como uma "pedra fundamental" nos estudos da linguagem daquela área. Sem meder no construto teórico apresentado por Chomsky, parto diretamente para sua hipótese a respeito da aquisição de linguagem.

Segundo Chomsky (1965), uma só hipótese pode dar conta da aptidão que todo ser humano tem em adquirir estruturas lingüísticas: um "Dispositivo para Adquirir Linguagem - DAL" (*Language Acquisition Device - LAD*). Impressionado pela rapidez extraordinária das aquisições lingüísticas das crianças pequenas, especificamente as sintáticas, ele afirma que não se pode tratar de uma simples aprendizagem, mas da emergência de estruturas pré-formadas, pré-programadas. Chomsky (1988) aponta para o fato de que as crianças raramente recebem correção para suas frases agramaticais ao adquirirem linguagem. Essa falta de

"evidência negativa" (correção) disponível para a criança é tomada como apoio para a proposição de que as regras da linguagem fazem parte do dote biológico da criança.

Além do fato de as crianças adquirirem linguagem num espaço de tempo curto e sem uma instrução formal, Chomsky (*op. cit.*) aponta um outro argumento a favor da existência de um núcleo lingüístico inato e modular na mente humana: a constatação de semelhanças universais entre as línguas, os chamados universais lingüísticos (exemplo: todas as línguas apresentam os fonemas |p|, |t|, |k|).

Quanto ao papel do meio ambiente no processo de aquisição de linguagem, Chomsky (*op. cit.*) afirma que ele apenas dispara ou aciona os mecanismos internos responsáveis por tal aquisição. Acredito que é justamente nessa afirmação que reside a maior controvérsia da teoria de Chomsky, ou seja, o de dar aos fatores exógenos um peso irrelevante, secundário no processo de aquisição. Se na relação fatores externos e internos para a aquisição de linguagem, o modelo comportamentalista desconsidera os fatores internos, o modelo inatista faz justamente o contrário. Nenhum dos dois modelos discute a interação de ambos trazendo como resultado o próprio desenvolvimento do ser humano.

Indiscutivelmente existe um "inatismo" na linguagem, específica à espécie humana. Ninguém pensaria em negar que uma certa organização do lobo temporal esquerdo responde a estes critérios. A polêmica está na natureza do "núcleo específico da linguagem". Afinal o que se está considerando como inato? A capacidade de certos territórios cerebrais em tratar a linguagem? As estruturas profundas de uma gramática universal? Chomsky e seus seguidores não explicitaram informações convincentes a respeito dessas perguntas. Dessa forma, o DAL continua sendo uma "caixa preta" e, enquanto ela não for "aberta", o modelo inatista não responde satisfatoriamente às questões do processo de aquisição de linguagem.

OS MODELOS INTERACIONISTAS

Assumir uma perspectiva interacionista significa conceber o ser humano como um ser ativo na construção do seu conhecimento; significa não privilegiar nem fatores internos (maturacionais, inatos) nem externos (meio ambiente, mundo físico e social) no desenvolvimento do Homem, mas a interação entre ambos como a matriz do conhecimento.

Os modelos interacionistas ainda não respondem a uma série de questões a respeito daquele processo, como será discutido a seguir; contudo, têm o grande mérito de compatibilizar fatores endógenos e exógenos com pesos e medidas mais ou menos equilibradas.

Essa postura teórica, que em geral é defendida por psicólogos, lingüistas e filósofos, ou seja, estudiosos da área de humanas, parece estar sendo defendida também por estudiosos da área biológica, ou especifi-

HAGE, Simone R. V. Concordâncias e controvérsias dos modelos teóricos sobre o processo de aquisição da linguagem. *Mimesis*, Bauru, v. 18, n. 1, p. 81-88, 1997.

HAGE, Simone R. V. Concordâncias e controvérsias dos modelos teóricos sobre o processo de aquisição da linguagem. *Mimesis*, Bauru, v. 18, n. 1, p. 81-88, 1997.

camente, neurobiológica. Kandel et al. (1995) afirmaram que as fibras nervosas capazes de ativar o cérebro têm de ser construídas, e o são pelos desafios, exigências e interações com o mundo.

Assim, sob a perspectiva interacionista, o processo de aquisição de linguagem parece ter uma fundamentação teórica mais consistente, na medida em que passa a ser um processo que não depende só da maturação ou só de estímulos do meio externo, mas da conjugação de ambos. As clínicas fonoaudiológicas estão repletas de casos em que a causa do déficit de linguagem é de ordem ambiental (pouca estimulação, superproteção e outras), sendo que a criança não apresenta nenhum sinal que indique um transtorno motor ou cognitivo. Por outro lado, há déficits de linguagem que fazem parte de uma imaturidade do sistema nervoso central e que jamais seriam justificados pela falta de estimulação.

Ao meu ver, duas questões devem ser respondidas pelos modelos interacionistas para que eles possam dar conta satisfatoriamente do processo de aquisição de linguagem : quais são os precursores da linguagem e como se dá a conjugação de fatores internos e externos que culminam na sua aquisição?

A resposta da primeira questão levou a uma cisão entre os interacionistas, gerando basicamente duas fortes correntes : *cognitivista e sócio-construtivista*.

AS CORRENTES INTERACIONISTAS COGNITIVISTA E SÓCIO-CONSTRUTIVISTA

A corrente *cognitivista* buscou respaldo nos estudos de Piaget (1975, 1978) e inseriu a linguagem como parte do desenvolvimento cognitivo. Autores como Bates et al. (1976) e Slobin (1980), afirmam que a aquisição da linguagem é uma atividade cognitiva: a criança, antes de iniciá-la, necessariamente tem que passar por experiências que lhe possibilitem atuar sobre o mundo, ou seja, tem que adquirir, antes, noções cognitivas sobre o mundo (pessoas, objetos, ações dos objetos ou pessoas, características físicas dos objetos e pessoas, relação entre os objetos) para, posteriormente, codificá-las através da linguagem.

A aquisição das primeiras palavras representa uma combinação das experiências da criança com a crescente capacidade de representar tais experiências através de símbolos orais. A ação sensorial e motora do primeiro ano de vida é pré-requisito para o aparecimento da linguagem. No modelo cognitivista, procura-se relacionar a evolução da linguagem com a evolução da brincadeira simbólica, buscando mostrar que ambas fazem parte da função semiótica, presente no comportamento humano a partir dos 18 ou 24 meses. Assim, a partir desta idade, a linguagem emerge quando a criança entra no período pré-operacional.

Já a corrente *sócio-interacionista* ou *sócio-construtivista*, cujo respaldo teórico básico está nas idéias de Vygotsky (1988) sobre linguagem, sustenta que é através da atividade dialógica entre a criança e o ou-

tro (representante da espécie que já desenvolveu um sistema de significação) que o conhecimento de mundo (cognição) e a linguagem são construídos na criança.

Assim como a cognitivista, essa abordagem vê a interação da criança com o mundo como a principal responsável pela aquisição de linguagem, contudo, dando um peso maior para o mundo social.

Apesar de a linguagem manifestar-se através da fala no comportamento da criança a partir dos 18 meses, ela se constitui desde o nascimento através das trocas comunicativas de que a criança participa.

Bruner (1978), afirma que, desde o nascimento, a criança participa de situações comunicativas com os que cuidam dela. Através dessas situações, aprende formas de manifestar seus desejos e também como entender os desejos dos outros, mesmo sem falar ou compreender a fala. Quando a criança passa a falar, ela, antes, já dominou a natureza dos contextos comunicativos e suas convenções, assim como os sinais não lingüísticos apropriados para cada contexto.

De acordo com Lemos (1986, 1989), as primeiras produções da criança vão ganhando significação mediante a interpretação constante do adulto, que lhes dá forma, significado e intenção. Tendo o diálogo como seu foco de análise, ela pôde constatar a presença de uma dependência dialógica nas fases iniciais da aquisição da linguagem por parte da criança, que se verifica antes mesmo de suas primeiras unidades lingüísticas.

Assim, para esta autora e para outros autores sócio-interacionistas, as trocas comunicativas do primeiro ano de vida são o principal pré-requisito para o aparecimento da linguagem.

Apesar das posições intermediárias ou mesmo contrárias sobre a questão dos precursores da linguagem no período pré-lingüístico, diversos estudos têm sido realizados para esclarecer a relação entre comunicação pré-verbal e verbal. Sugarman (1983), definindo bem essa divergência de opiniões, afirma que a continuidade ou não continuidade entre a comunicação pré-verbal e verbal depende do aspecto privilegiado neste desenvolvimento.

Se considerarmos a linguagem enquanto atividade comunicativa, a continuidade existe. Contudo, se considerarmos a linguagem como um complexo sistema de regras para representação simbólica, não há uma continuidade garantida, na medida em que a comunicação pré-verbal não se utiliza de um sistema dessa natureza. Assim, alguma experiência pré-verbal parece ser necessária a alguns aspectos do desenvolvimento da linguagem. As crianças não teriam motivação para aprender a língua materna, a menos que tenham aprendido algo sobre comunicar-se antes de aprender a falar.

Vejo na atribuição à linguagem de uma função comunicativa e cognitiva, ou seja, de comunicação entre as pessoas e de constituição de conhecimento, um dos grandes méritos da corrente sócio-interacionista. Já na década de trinta, Vygotsky enfatizava essas duas funções, afirmando que a linguagem é um sistema simbólico que tem duas funções bási-

HAGE, Simone R. V. Concordâncias e controvérsias dos modelos teóricos sobre o processo de aquisição da linguagem. *Mimesis*, Bauru, v. 18, n. 1, p. 81-88, 1997.

HAGE, Simone R. V. Concordâncias e controvérsias dos modelos teóricos sobre o processo de aquisição da linguagem. *Mimesis*, Bauru, v. 18, n. 1, p. 81-88, 1997.

cas: a de intercâmbio social e a de pensamento generalizante, isto é, a linguagem, além de servir ao propósito da comunicação entre as pessoas, simplifica e generaliza a experiência, ordenando o mundo em categorias conceituais, cujo significado é compartilhado por seus usuários (Vygotsky, 1988).

Vejo que um dos desafios dos modelos que buscam explicar o processo de aquisição de linguagem está em responder satisfatoriamente à segunda pergunta formulada anteriormente: "como se dá a conjugação de fatores internos e externos que culminam na linguagem?" Acredito que a resposta esteja na interdisciplinaridade das disciplinas interessadas em estudar a linguagem desde suas bases neurofisiológicas até suas manifestações no comportamento humano, envolvendo áreas como a Psicolinguística, a Neurologia e, mais recentemente, a Fonoaudiologia, na medida em que esta última área tem trazido contribuições para o processo de aquisição da linguagem normal através dos estudos sobre seus desvios.

ABSTRACT

Agreements and controversies of the theoretical models about the language acquisition process.

The present paper discusses the different theoretical models about the process of language acquisition, pointing out their contributions to the comprehension of such process as well as raising some questions about the appearance of language in children, questions that have not been satisfactorily answered yet.

Key words: Language, Psycholinguistics.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATES, E., CAMAIONI, L. , VOLTERRA, V. The acquisition of performatives prior to speech. In: BATES, E. (org.) *Language and Context*. New York : Academic Press, 1976.
- BROWN, J., HANLON, H. Derivational complexity and order of acquisition in child speech. In : HAYES, J. R. (ed.) *Cognition and the Development of Language*. New York: John Wiley, 1970.
- BRUNER, J. S. The Ontogenesis of Speech Acts. *Journal of Child Language*, v. 2, p. 1-9, 1978.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

———. *Language and Problems of Knowledge*. Cambridge: MIT Press, 1988.

KANDEL, E. R., SCHWARTZ, J. H., JESSEL, T. M. *Essentials of Neural Science and Behavior*. Stanford : Appleton & Lange, 1995.

LEMONS, C. T. Interacionismo e aquisição de linguagem. *DELTA*, v. 2, n. 2, p. 231-248, 1986.

———. Uma abordagem sócio-construtivista da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões. In: ENCONTRO DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM, 1., 1989, Porto Alegre. *Anais ...* Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1989.

PIAGET, J. *A Formação do Símbolo na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

———. *O Nascimento da Inteligência da Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SKINNER, B. F. *Verbal Behavior*. New York : Appleton-Century Crofts, 1957.

SLOBIN, D. I. *Psicolingüística*. São Paulo : EDUSP, 1980.

SUGARMAN, S. Empirical versus logical issues in the transition from prelinguistic to linguistic communication. In: GOLINKOFF, R. M. (org.). *The transition from prelinguistic to linguistic*. New Jersey: L.E.A., 1983.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

HAGE, Simone R. V. Concordâncias e controvérsias dos modelos teóricos sobre o processo de aquisição da linguagem. *Mimesis*, Bauru, v. 18, n. 1, p. 81-88, 1997.